

ESCRITOS SOBRE CULPA, ESPERANÇA E SAUDADE: A PUBLICAÇÃO, EM JORNAL, DAS CARTAS DE SUICIDAS NA BELÉM DA VIRADA DOS SÉCULOS XIX E XX.

MARCELO JOSÉ PEREIRA CARVALHO\*

Os jornais diários e noticiosos de Belém do Pará, na virada dos séculos XIX e XX, não hesitavam em publicar os casos de suicídios ocorridos tanto na circunscrição da cidade, como também no interior do Estado, no resto do Brasil e até no exterior. Motivados pela estratégia de mercado de atrair leitores para suas páginas diárias – na construção de dada representação do que seria o gosto popular pelas notícias de sensação, no tocante as suas competências de leitura e as suas “expectativas culturais” (CHARTIER, 1995:224) –, os jornais da capital paraense, como *A Província do Pará* (1876-1912, 1920-2001), o *Diario de Noticias* (1880-1898), a *Folha do Norte* (1896-1974) e o *Estado do Pará* (1911-1961), perdiam o caráter meramente panfletário que marcara o período imperial, para também assumirem o seu lado empresarial, no mesmo processo apontado em outros centros urbanos brasileiros, que Marlise Meyer (1996:98) identificou como a formação de um “novo jornalismo de massa”.

Nesse ambiente da imprensa belenense, o suicídio se constituiu em um dos objetos prediletos para servir de mote ao noticiário impresso. Os dramas do cotidiano – ou o universo de certo submundo citadino – passaram a ser expostos com mais intensidade ao leitor comum, para lhes dizer “como eram os lugares e gentes que [em princípio] ele não freqüentava”, porém de um modo completamente estetizado (PESAVENTO, 2010:448). As notícias sobre a prática de suicídios se transformavam em relatos do extraordinário, marcados por um profundo sentido moralizante e narrados na forma de *fait divers*<sup>1</sup>, pela exposição dos dramas alheios que, não raro, assumiam o tom ficcional.

Observa-se que essas notícias não se tratavam de descrições frias e diretas dos fatos ocorridos, como hoje se pretende atribuir ao discurso e à técnica jornalísticos (DAPIEVE, 2007). Marcavam-se, na maioria, por narrativas carregadas de efeitos melodramáticos e de tons coloquiais, o que garantia a sua fácil compreensão e rápida leitura. Algumas dessas

---

<sup>1</sup> Termo, em francês, que literalmente significa “fatos diversos”, mas que se convencionou aplicar para designar as narrativas sobre os dramas da vida real, relatados de modo “romanceado” (MEYER, 1996:94).

\* Mestre em História Social da Amazônia pelo Programa de pós-graduação em História da Universidade Federal do Pará (PPHIST/UFPA)

notícias chegavam a configurar estrutura de fábula. Os *fait divers* se prestavam a elevar à potência máxima o absurdo e o extraordinário de ocorrências trágicas ou que deveriam estar longe da ordem estabelecida, como o suicídio, à maneira dos velhos folhetins.

Nesse sentido, os periódicos que circulavam em Belém, no período analisado, hoje se tornam à pesquisa historiográfica fontes imprescindíveis para o estudo local das mortes por suicídio, ao lado dos já tradicionais processos judiciais de inventários e de diligências policiais<sup>2</sup>. As notícias sobre os casos de suicídio permitem ao pesquisador compreender as atitudes da sociedade belenense frente ao tema maior da morte voluntária. Tratava-se de representações locais construídas sobre a polêmica milenar estabelecida no debate do direito humano de dispor da própria vida, em que passaram a coexistir chaves explicativas de compreensão do ato suicida tanto no nível moral como no médico-científico. No início do século XX, o suicídio havia passado por um lento processo de redefinição (em especial ao longo do Oitocentos): primeiro como exemplo prático de “desarranjos mentais”; depois, como verdadeiro “problema social” (GAY, 2001:214), mas sem deixar o estigma moral como ato que atentava contra a vontade divina.

Nas notícias sobre a ocorrência de suicídio, percebe-se a existência de certos elementos obrigatórios na narrativa. Jornais belenenses, como a *Folha do Norte*, procuravam esclarecer o público leitor dos motivos alegados – seja os declarados pelos próprios suicidas ou os presumidos pelos sobreviventes<sup>3</sup> – para a prática dos suicídios. Na tentativa de desvendar as causas dos suicídios cometidos na cidade, resultados práticos de deliberações internas de seus autores, os noticiaristas e os redatores da *Folha do Norte* tentavam estabelecer certa lógica para uma prática que, em princípio, não teria nenhuma.

Nesse sentido, eventuais cartas ou bilhetes de despedidas deixadas pelos suicidas podiam ser bem esclarecedores a respeito, a que, em parte, se deve as suas transcrições em

---

<sup>2</sup> Para o período estudado, foram disponibilizados à pesquisa apenas 6 (seis) autos de diligências policiais dos anos iniciais do século XX (1901 a 1903), relativos aos casos de suicídios, todos eles oriundos do Tribunal de Justiça do Estado (TJE/PA) e, atualmente, sob custódia do Centro de Memória da Amazônia (CMA), este mantido pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Apesar do seu número reduzido – que não constitui em série regularmente estabelecida ou preservada – essas já tradicionais fontes históricas não deixam de fornecer dados elucidativos para se compreender a prática suicida nos seus rituais, como se pode depreender do caso a ser demonstrado neste artigo.

<sup>3</sup> O termo “sobrevivente” é utilizado neste artigo, embora anacrônico para a época em questão, para designar as pessoas com quem o suicida se relacionava em vida e as próprias testemunhas do ato suicida. Tomou-se de empréstimo o termo aplicado nas discussões psiquiátricas e psicanalíticas contemporâneas sobre o processo de “elaboração do luto” e o trauma decorrente da ocorrência do suicídio (CASSORLA, 1998:23-24).

algumas das notícias analisadas na *Folha do Norte*<sup>4</sup>. Do mesmo modo, o historiador Fábio Henrique Lopes (1998:19) observou esse cuidado dos noticiaristas em indicar as causas dos suicídios ao público leitor dos jornais da cidade paulista de Campinas no século XIX, notando que poucas foram as notícias “que não apresentavam pelo menos uma pista para se entender [...] o suicídio que se fazia presente no cotidiano da cidade”.

Por outro lado, não se pode perder de vista a própria função das transcrições desses manuscritos de servirem como aspecto do próprio tom realista que se esperava das notícias publicadas nos jornais. Ao lado de dados pormenorizados que se tornavam públicos – como o nome dos suicidas, suas relações de parentesco e de amizade, os locais de ocorrência e demais circunstâncias ligadas aos fatos narrados – a presença das cartas de despedidas dos suicidas garantiam a dose de verossimilhança necessária para que as notícias sobre os suicídios tivessem o devido impacto sobre o público leitor.

A presença das cartas de despedidas transcritas nas notícias sobre suicídios também sinalizam a constituição de certos rituais suicidas que começavam a tomar forma na Belém da virada dos séculos XIX e XX. Segundo Susan Anne Semler (1998:20), os escritos suicidas sobre si só se tornaram “parte do ritual de autodestruição, em decorrência da melhoria no nível de instrução das massas e da crescente exaltação romântica do indivíduo” que se processou ao longo dos Oitocentos e, portanto, fenômeno recente para aquele início de século XX. No entanto, qualquer que fosse o aumento na democratização do ensino, a mesma, apenas por si, não serve para suficientemente explicar a crescente incorporação das cartas de despedida no contexto dos rituais suicidas.

Martyn Lyons (1999) alertou para o fato de que a educação formal nem sempre precedia a formação do público leitor no século XIX, podendo haver alguma defasagem entre ambas. Em outras palavras, há de se estar atento para a possibilidade de terem existido pessoas que podiam saber ler, mas que não escreviam bem e vice-versa. Do mesmo modo, Roger Chartier (1994) chamou a atenção para as competências individuais de leitura, independente de alguém ser considerado formalmente alfabetizado. Assim, tanto as práticas de leitura, como as de escrita, podiam ter sido múltiplas na Belém da época ora estudada. A leitura silenciosa e

---

<sup>4</sup> Para efeito da análise das cartas e dos bilhetes suicidas, presentes nas notícias impressas sobre suicídios no recorte temporal considerado, tomou-se por base uniforme, e por amostragem, as transcrições feitas pelos noticiaristas do jornal *Folha do Norte* nos anos de 1899, de 1900, de 1901, de 1903, de 1905 e de 1907.

privada das próprias notícias dos jornais podia ter coexistido com a tradicional oralidade, chegando-se à categoria dos leitores que apenas ouviam “uma fala que é lida” por outros (CHARTIER, 1995:216). Estudos brasileiros, como os de Marlyse Meyer (2005:55), demonstram terem ocorrido “no primeiro quartel do século XX [...] situações comunitárias de leitura e fruição de romance-folhetim por um público só em parte alfabetizado”.

Desse modo, não se pode estranhar o fato de Bartholomeu Uchôa, morador na então área central de Belém, ter solicitado a sua vizinha, Victoria Amaral, que (sabendo ler e escrever) redigisse uma carta por ele, antes de atentar contra a vida desta e de por termo à sua própria com tiros de revólver em 22 de novembro de 1903. Segundo depoimento prestado pela própria vizinha sobrevivente, “a carta que Bartholomeu pediu-lhe para escrever ontem [no dia anterior] [...] tinha por fim declarar que suicidaram-se, a fim de que não fosse a morte delles imputada a terceira pessoa” (PARÁ, 1903). Interessante observar que, nesse caso, o motivo do ato assassino-suicida teria origem no próprio universo da escrita e da leitura, já que, segundo ainda Victoria, Bartholomeu teria agido por ciúmes após ter encontrado “em poder da respondente [ela mesma] diversas cartas, escriptas por um outro rapaz” (PARÁ, 1903).

Independentemente de quem possa vir a escrever as cartas e os bilhetes de despedidas, o que se observa dos escritos deixados pelos suicidas, e transcritos nos jornais, é a própria valorização do indivíduo, no tocante à preocupação em deixar registros de memórias de si mesmo. Fábio Lopes (1998:14) considera que tais escritos guardavam, em boa parte, a própria preocupação do suicida em explicar o ato praticado e em relação ao que os sobreviventes falarão a respeito, principalmente “como entenderão e como julgarão” o suicida. Na literatura romântica, a incorporação do derradeiro testemunho escrito ao ritual suicida encontra, no exemplo do protagonista suicida do paradigmático romance de Johann Wolfgang von Goethe (1749-1832, natural de Frankfurt), *Os sofrimentos do jovem Werther* (1774)<sup>5</sup>, uma importante base de referência às gerações futuras.

<sup>5</sup> Ao longo do século XIX, instaurou-se uma série de processos judiciais nos tribunais europeus contra os romances julgados perniciosos à formação do caráter dos seus leitores. Muitos moralistas do período condenavam “a ficção de seu tempo como uma das causas mais importantes do sofrimento e do suicídio” (GAY, 1990:137). Caso clássico desse embate, o romance de Goethe foi acusado de ter desencadeado uma série de suicídios na Europa, a partir da Prússia, ao final do século XVIII. Mito esse presente até em representações atuais, como a de Alvarez (1999:208), que considera ter sido *Werther* “quem fez o ato [do suicídio] parecer realmente desejável para os jovens românticos de toda a Europa”.

Pela influência dos romances epistolares do século XVIII – como *Clarissa* (1747-1748), do inglês Samuel Richardson (1689–1761), ou *Júlia ou a Nova Heloisa* (1761), do genebrês Jean-Jacques Rousseau (1712-1778) –, a própria estrutura narrativa de *Werther* se pauta na coletânea de manuscritos – entre páginas de diários e cartas – que teriam sido deixados pelo próprio protagonista antes de seu suicídio por arma de fogo, o que garante à sua ficcional transcrição maior efeito dramático e verossimilhança. A poucas horas do disparo fatal, Werther teria traçado, dentre outras, as seguintes linhas:

*Agradeço-te, meu Deus, teres me presenteado este ardor, esta força nestes instantes derradeiros.[...]*

*Pedi a teu pai [de Carlota, sua amada], num bilhetinho, que salvaguardasse o meu corpo. No cemitério há duas tílias, bem ao fundo, no canto que dá para as campinas; é lá que eu desejo repousar. [...]*

*Deixa estar, Carlota! Não tremo ao pegar nas mãos o cálice frio e terrível ao qual beberei a vertigem da morte! [...]*

*Quero ser enterrado nestas roupas, Carlota, tu as tocaste, santificaste-as [...]*”.  
(GOETHE, 2003:184-185).

Nelas, observam-se algumas fórmulas encontradas em outros tempos e circunstâncias, indicando certas permanências na constituição dos rituais suicidas, inclusive nas cartas transcritas nas notícias publicadas nos jornais de Belém na virada do século XIX e XX, como a *Folha do Norte*: a preocupação para com o próprio corpo no *post mortem* (garantia de uma boa acomodação e de uma vestimenta adequada segundo o desejo do suicida)<sup>6</sup>, e a necessidade de se fazer próximo à divindade na qual se acreditava, o que, possivelmente, tratava-se da resposta interna do suicida a séculos de interdição moral à morte voluntária. Posteriormente, o personagem Werther fora enterrado “no lugar que ele havia escolhido” (GOETHE, 2003:188), assim reforçando a importância que as cartas de despedida assumiriam no ritual moderno do suicídio.

Boa evidência dessa crescente visibilidade das cartas de despedidas em rituais de autodestruição, na cultura ocidental do início do século XX, encontra-se em correspondência deixada pelo escritor e poeta português Mário de Sá-Carneiro ao seu amigo íntimo, de letras e

---

<sup>6</sup> O debate mais contemporâneo, desenvolvido pela psicanálise e pela psiquiatria, atribui ao suicida o desejo não da morte, mas o da própria vida, em que o suicídio tratar-se-ia de fugir do sofrimento. Pelo suicídio, o suicida alimenta, seja a esperança de um “encontro com uma vida cheia de paz”, ou mesmo “o componente agressivo” da vingança contra “inimigos reais ou fantasiados” (CASSORLA, 1998:22-23).

de nacionalidade, Fernando Pessoa. Redigida em Paris a 31 de março de 1916, essa missiva contém elementos que denunciam a vulgarização das cartas de despedida na Europa. Ao mesmo tempo, não se nega a verve literária de Sá-Carneiro para a autoparódia pelo uso do discurso irônico, pois o poeta pretendia fazer de tal carta a sua própria despedida a Pessoa, já que nutria o forte desejo de se matar<sup>7</sup>:

*Meu Querido Amigo,*

*A menos dum milagre na próxima 2ª feira, 3 (ou mesmo na véspera) o seu Mário de Sá-Carneiro tomará uma forte dose de estriquinina e desaparecerá deste mundo. É assim tal e qual – mas custa-me tanto a escrever esta carta pelo ridículo que sempre encontrei nas “cartas de despedida”.... (SÁ-CARNEIRO, 1995:969).*

A própria *Folha do Norte*, ao noticiar ocorrências de suicídios fora do Pará, não deixava de, sempre que possível, recorrer às transcrições de bilhetes e de cartas suicidas, como a afirmar, na representação local sobre tal prática, a sua inserção na moderna ritualização do suicídio. Maria Paltrinício, corista de uma companhia lírica vinda da Europa a caminho mesmo de Belém, matou-se a bordo do paquete “Rio Amazonas”, lançando-se em pleno oceano Atlântico, motivada por maus-tratos sofridos. Essa notícia, publicada na *Folha do Norte* de 13 de abril de 1900, é finalizada com a transcrição do que seriam as últimas e poucas palavras escritas pela suicida, em tom solene de fechamento de uma verdadeira ária: “Na ‘cabine’ da infeliz foi encontrado o seguinte bilhete em que dizia: ‘Neste momento deito-me ao mar. Maria’” (SUICÍDIO..., 1900:2).

Do mesmo modo, pode-se observar como as cartas de despedida se incorporavam gradualmente ao ritual suicida da Belém da virada dos séculos XIX e XX, à medida em que elas apareciam como elemento de discursos irônicos também presentes nos jornais da cidade. De certo modo, dimensiona-se a compreensão do próprio ato suicida na cidade daquele período, através de excertos impressos que continham certa dose de humor, em que o próprio suicídio era tratado no nível do deboche. O historiador francês Georges Minois (1998:247) considera que esse fato – por ele enquadrado no contexto de “banalização da ideia de morte voluntária” – sinalizava “a evolução das mentalidades” a respeito do suicídio, a caminho de um relativismo que passava ao largo do tradicional tabu. Desse modo, cita-se a pequena

---

<sup>7</sup> Mário de Sá-Carneiro, expoente do Modernismo literário português ao lado de Fernando Pessoa, envenenar-se-ia em Paris a 26 de abril de 1916, com a dose letal de cinco frascos de estriquinina, antes de completar vinte e seis anos.

anedota versificada, atribuída a certo Flauteando<sup>8</sup> e publicada na *Folha do Norte* de 24 de maio de 1901. Através de sua extrema comicidade, as linhas abaixo demonstram que o ato de deixar cartas de despedidas já se fazia usual:

- *Faz uma carta para os teus amigos*

*Te despedindo delles. E raivoso*

*Procura um pé de couve bem forçoso,*

*E te enforca; p'ra fim dos teus castigos.* (RESPOSTA, 1901:3).

Seja o suicídio tratado pela sociedade belenense da época como ato de covardia, como pecado mortal ou, simplesmente, como momento ou consequência de estado de alienação mental, muitas dessas representações passavam pela mente dos suicidas, deixadas em suas “mensagens de adeus”<sup>9</sup>, reconhecendo ou contestando tais concepções. Assim, nas cartas, nos bilhetes, nas linhas bem ou mal traçadas, o suicida poderia dar conta da sua própria intenção de se matar, de esclarecer os motivos que o levaram à prática do ato ou, ao menos, de indicar providências práticas a serem tomadas no seu *post mortem*.

Na pesquisa feita junto às notícias sobre suicídio publicadas apenas na *Folha do Norte* entre 1899 e 1907, verificou-se em torno de 114 (cento e quatorze) ocorrências de suicídios apenas nos então limites territoriais da capital paraense. Desse montante, observa-se que, em 85,97% (oitenta e cinco e noventa e sete centésimos por cento) dos casos, o suicida não deixara cartas, bilhetes ou qualquer outra forma aparente de escrito. Essa constatação leva a corroborar com o que Susan Semler (1998:20-21) observou sobre a presença das “cartas do adeus”, quanto a questões metodológicas no trabalho historiográfico sobre o suicídio: até então “o suicida deixa poucos traços diretos para explicar a sua opção pela morte”. Diante dessa ainda raridade dos escritos de despedida e da pouca confiabilidade nas fontes primárias – dados estatísticos escassos e fragmentados, processos judiciais escamoteados (em razão do tabu em torno do suicídio) –, Semler entende que o historiador devesse buscar fontes de pesquisa por vias indiretas, para trabalhar a história do suicídio antes das primeiras décadas do século XX.

<sup>8</sup> Não foi possível identificar o nome real do autor por trás do pseudônimo.

<sup>9</sup> Termo tomado de empréstimo da psicóloga e socióloga Maria Luiza Dias. Segundo a autora, as mensagens de adeus constituem-se em “documentos que reconstróem o diálogo” entre o suicida e os sobreviventes do ato (DIAS, 1991:12). Desse modo, percebe-se o suicídio, pela ótica dos próprios suicidas, como a reativação de uma comunicação antes perdida ou negligenciada.

É interessante observar o caso de Joanna Francisca da Costa, alagoana de quase quarenta anos, que residia em Belém e atendia como serviçal na casa da família do sr. Manoel Vieira da Silva. Segundo a notícia publicada na *Folha do Norte* de 26 de maio de 1905, que divulgou seu suicídio por ingestão de ácido fênico (servido em uma lata de ervilha em conserva), Joanna estaria acometida da mania da perseguição. A suicida escreveu um bilhete de despedida a sua vizinha, Julia Barros. Pela descrição do conteúdo desse bilhete, o noticiário construiu dada representação sobre a competência de escrita de Joanna e os seus poucos recursos: o “mau character das letras”, escritas em “pessima calligraphia a lapis, num pedaço de papel amarellecido” (SUICIDIO..., 1905:2). Mesmo assim, Joanna não deixou de externar seus últimos desejos e imprimir a si certa dignidade em função da sua condição social: para ela, era mais importante “partir” sem deixar débitos, sejam financeiros ou morais. Portanto, envenenou-se com essas palavras: “D. Julia – Pague 1\$000 que devo no mercado ao Camillo. Se tem alguma queixa de mim me perdoe. Dê lembranças ao Vieira e que me desculpe a falta. Despeço-me de todos. Joanna.” (SUICIDIO..., 1905:2).

Pela pesquisa, observou-se que 16 (dezesseis) suicidas deixaram alguma mensagem escrita de despedida. Quando se cumpria tal ritual, havia a preocupação de transcrever, nas notícias dos suicídios, cada linha possível desses manuscritos, mesmo nas longas sequências de cartas e de bilhetes que alguns poucos suicidas eventualmente deixavam. Desse modo, observa-se a preocupação do noticiário em declarar que se fazia o traslado do conteúdo do pedaço de papel deixado por Otília Rosa dos Anjos, “sem omitir uma vírgula” (ENVENENADA..., 1900:1). Otília, com menos de vinte anos e professora particular, tentou o suicídio por meio da ingestão de vidro moído.

Segundo a notícia publicada na *Folha do Norte* de 11 de outubro de 1900, Otília justificou a sua tentativa de suicídio naquele “quarto de papel escrito”, deixado sob a sua camisa entre os seios para ser lido pelos seus pais, alegando motivo passional por não suportar a perda de seu noivo, recém morto por motivo de doença. Na forma representada pela notícia, a jovem suicida acreditava encontrar o seu amado em um mundo espiritual. Assim, pediu que fosse enterrada de branco e em caixão de igual cor, para simbolizar a pureza do seu amor. No que seria o seu derradeiro bilhete, Otília também externou o seu desejo de “levar um bouquet de flôres todas brancas para dar ao meu noivo, quando lá chegar” (ENVENENADA...,

1900:1). Como se observa, no que o noticiário indicou como sendo a transcrição do bilhete deixado pela noiva suicida, reforçou-se a representação romântica da mulher cuja existência se atrelava a de um homem, ao mesmo tempo em que o suicídio se lhe configurava como a fuga do sofrimento ou o reencontro de um objeto ou estado de felicidade.

Na altura de seus dezessete anos, o caixeiro paraense Antonio de Britto Magno mostrou-se pessimista quanto ao próprio futuro e encontrou na morte o único alívio para todo o seu desespero interior, por meio de disparo de revólver. O suicídio de Antonio Magno deixou de ser tabu para se tornar o seu instrumento de purificação. Em carta endereçada ao pai, o suicida reconheceu-se como covarde, mas que morreria na certeza da tranquilidade que o revólver, uma *Smith Wesson*<sup>10</sup>, proporcionar-lhe-ia: “Nada me peza na consciencia senão o de ser causador das lagrimas que vocemecê verter” (ACTO..., 1901:2). Em um “quarto de papel almasso”, Antonio escrevera, sem destinatário certo, o seguinte bilhete que se encontrava aberto, a compor o cenário do seu último ato:

*A morte é negra quando se é feliz!*

*É cruenta e imunda quando o ar é livre! Porém... quando a fatalidade diz – morre!  
a morte é boa, pura e limpa. O desgraçado pensa ... já não vive*

2-2- 1901. – A. Magno (ACTO..., 1901:2).

Outros suicidas, porém, não pouparam palavras e recomendações de despedida. O comerciante português Antonio dos Santos Pereira, morto em decorrência dos disparos de revólver no ouvido e no peito, por ele acionados, deixou nada menos que 11 (onze) cartas, cuidadosamente transcritas ao final da notícia publicada na *Folha do Norte* de 3 de março de 1899. Na descrição do local do suicídio, todas essas cartas se fazem presentes sobre “um bahu de folha [...] em torno de um estojo, junto do qual via-se um pequeno crucifixo” (SUICIDIO..., 1899:2). Tal detalhe não se inseriu por acaso: a notícia impressa desse suicídio representou o comerciante português como alguém que entendia ser, o seu próprio ato, uma mistura de grave pecado e de fruto de alucinação. Ao invés de apresentar os motivos que o levaram a se matar, o suicida pediu, em algumas das cartas endereçadas a religiosos, a amigos e a familiares, que todos orassem pela misericórdia divina para com sua alma, embora morresse

---

<sup>10</sup> A pesquisa identificou a relevância do revólver da marca americana *Smith Wesson*, em certa representação local de gênero que chegava a identificar o suicídio como ato de virilidade e, portanto, masculino. Sendo um modelo portátil e adequado ao uso doméstico, a *Smith Wesson* parecia exercer fascínio entre os suicidas belenenses, dentre as outras marcas de revólveres existentes à época.

na crença de que a sua divindade lhe faria a vontade e lhe permitiria se matar: “Si Deus me fizer a vontade como nelle espero, dentro em breves momentos terei deixado de existir” (SUICIDIO..., 1899:2).

Mesmo acreditando nessa imortalidade da alma, Antonio Pereira percebia a morte como o fim das suas relações terrenas: “Quando esta [carta] chegar às mãos [...] terei deixado de existir [...] adeus e para sempre” (SUICIDIO..., 1899:2). Para os seus familiares e amigos, em Portugal, terminava cada missiva com a fórmula de despedida “acceita eternas saudades”. Por outro lado, esse suicida português não deixou de expressar a sua condição de estrangeiro em Belém do final do século XIX, onde conseguiu manter “economias de muitos anos de exílio” (SUICIDIO..., 1899:2). De modo geral, há um sentido prático nas suas últimas palavras: assim como pedia por sua salvação e preservação da memória, dava destinação ao seu patrimônio particular, indicava cuidados com os negócios e até recomendava seu sobrinho (que vivia sob sua proteção) a seu sócio e amigo.

Alguns suicidas também consideravam o seu próprio ato como covarde. A *Folha do Norte* noticiou em 26 de fevereiro de 1901, o suicídio de Américo Rocha, outro português residente em Belém. Américo suicidou-se alegando amor não correspondido, disparando-se um tiro de revólver. O suicida não deixou de responsabilizar a mulher que o rejeitara, a quem chamou de “íngrata Rosa”, fazendo também do seu suicídio um ato de agressão e instrumentalizando sua vingança através da carta a ela deixada, encontrada amassada e rasgada ao meio. Américo escreveu apressadamente (e a lápis) ao seu irmão, no verso da própria nota de compra da arma que o mataria: “sei que isto é uma covardia, mas que queres? Adeus... adeus... – Teu irmão, AMERICO ROCHA” (UM QUE..., 1901:2). Certamente a ideia de covardia não passou pela cabeça de Manoel Ferreira Vasques, quando esta sofreu o impacto de dois disparos de arma de fogo em setembro de 1891. Motivado por questões financeiras, Vasques se suicidou deixando como suas últimas palavras, desafiadoras e irônicas, em um bilhete: “Os valentes que me chamem covarde” (MANOEL..., 1901:1). Ela parecem dizer ao leitor que só o suicida tinha a dimensão de seu próprio desespero.

Já o espanhol D. Ramon Manuel Eglesias, morto em 13 de março de 1901, foi qualificado pelo noticiário da *Folha do Norte* como um suicida ético, já que, na única carta (transcrita e traduzida) por ele deixada e destinada ao Chefe de Polícia, justificou o suicídio

motivado pelos sofrimentos causados por doença que lhe parecia incurável: “faço a presente declaração para evitar más interpretações sobre a causa da minha morte” (MAIS..., 1901:1). Nesse caso, o ato final de Ramon Eglesias não sofreu maiores censuras – o espanhol não foi considerado nem louco nem desviante –, apenas que o suicídio seria “mal pensada ideia”, alimentada desde 25 de janeiro daquele ano, quando o suicida datou a referida carta.

Houve também casos em que, dada às circunstâncias restritivas em que se encontrava o suicida, as últimas palavras escritas podiam ser deixadas no único meio disponível, ao mesmo tempo visível a qualquer público. Foi o que aconteceu a Fernando Gomes Ramillo, preso junto com o sócio João Gomes Coelho sob a acusação de incêndio criminoso na própria firma. Fernando teria deixado “escripta em umas das paredes da prisão em que se achava [incomunicável] a confissão de sua culpa” (O SUICIDIO..., 1900:1), antes de se enforcar no mesmo local, o que desencadeou uma série de artigos na *Folha do Norte* em agosto de 1900, discutindo sobre os métodos empregados pela polícia no tratamento aos detentos.

Por fim, cabe citar o caso da piauiense, residente em Belém, Joaquina Pires dos Santos, que tentou se matar com uma mistura tóxica de ácido sulfúrico e sulfato de zinco. A notícia de tal tentativa de suicídio, publicada na *Folha do Norte* de 2 de fevereiro de 1901, foi tão ligeira quanto às poucas palavras deixadas escritas por Joaquina em uma folha de papel, mas estas que seriam as suas últimas palavras podem ter deixado desconcertado o leitor do jornal: “Não culpem a ninguém, foi de minha vontade. Lembranças à minha amiga Nina” (TENTATIVA..., 1901:2). No seu simples gesto de afirmar o direito de expressar a própria subjetividade, é possível que Joaquina tivesse a dimensão de sua transgressão às normas morais, aos preceitos médicos e à própria sociedade belenense naquela virada de séculos. O mesmo pode não ter acontecido a alguns suicidas que, pelo contrário, parecem reafirmar os mesmos preconceitos para com o suicídio e o suicida, embora também estivessem dispendo de suas próprias vidas. A multiplicidade de sentidos e de significados que o suicídio assumia em seus próprios agentes se fez presente nos poucos registros autorais que chegaram transcritos às páginas diárias de jornais como a *Folha do Norte*. Além de serem escritas de si, as cartas e bilhetes deixados por esses suicidas revelam à pesquisa historiográfica parcelas da ambiguidade e da angústia presentes no debate maior sobre o suicídio no período, entre culpas confessadas, esperanças nutridas e saudades sentidas.

## REFERÊNCIAS

ACTO de loucura. **Folha do Norte**, Belém, n.1821, p. 2, 5 jan. 1901.

ALVAREZ, A. **O deus selvagem**: um estudo do suicídio. Tradução Sonia Moreira. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

CASSORLA, Roosevelt Moises Smeke. **Considerações sobre o suicídio**. In: \_\_\_\_\_ (Coord.). **Do suicídio**: Estudos brasileiros. 2. ed. Campinas, SP: Papyrus, 1998, p.17-26.

CHARTIER, Roger. Comunidade de leitores. In: \_\_\_\_\_. **A ordem dos livros**: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII. Tradução Mary del Priore. Brasília: Editora da UNB, 1994. p.11-27.

\_\_\_\_\_. Textos, impressões, leituras. In: HURT, Lynn (Org.). **A nova história cultural**. Tradução Jefferson Luiz Camargo. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1995. p.211-238.

DAPIEVE, Arthur. **Morreu na contramão**: o suicídio como notícia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.

DIAS, Maria Luiza. **Suicídio**: Testemunhos de adeus. São Paulo: Brasiliense, 1991.

ENVENENADA por amor, **Folha do Norte**, Belém, n.1739, p.1, 11 out. 1900.

GAY, Peter. A obra de ficção. In: \_\_\_\_\_. **A experiência burguesa da Rainha Vitória a Freud**. Tradução Sérgio Flaksman. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. v. 2: A paixão terna, p.120-173.

\_\_\_\_\_. Patologias. In: \_\_\_\_\_. **A experiência burguesa da Rainha Vitória a Freud**. Tradução Sergio Goes de Paula, Viviane de Lamare Noronha. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. v. 3: O cultivo do ódio, p.135-217.

GOETHE, Johann Wolfgang. **Os sofrimentos do jovem Werther**. Tradução Marcelo Backes. Porto Alegre: L&PM, 2003.

LOPES, Fábio Henrique. **O suicídio sem fronteiras**: Entre a razão e a desordem mental. 1998. 127 f. Dissertação (Mestrado em História)—Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP.

LYONS, Martyn. Os novos leitores no século XIX: mulheres, crianças, operários. In: CHARTIER, Roger; CAVALLO, Guglielmo. **História da leitura no mundo ocidental 2**. São Paulo: Ática, 1999. p.161-201.

MAIS um suicídio. **Folha do Norte**, Belém, n.1889, p.1, 14 mar. 1901.

MANOEL Ferreira Vasques. **Folha do Norte**, Belém, n. 2090, p.1, 1 out. 1901

MEYER, Marlyse. **Folhetim**: uma história. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

\_\_\_\_\_. Folhetim: uma história de leitura. In: BATISTA, Antônio Augusto Gomes; GALVÃO, Ana Maria de Oliveira (Org.). **Leitura**: práticas, impressos, letramentos. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. p.47-70.

MINOIS, Georges. **História do suicídio**: a sociedade ocidental perante a morte voluntária. Tradução Serafim Ferreira. Lisboa: Teorema, 1998.

O SUICÍDIO na policia. **Folha do Norte**, Belém, n.1675, p.1, 8 ago. 1900.

PARÁ. Tribunal de Justiça do Estado. **Autos de diligencias policiaes procedidas a cerca do suicidio de Bartholomeu Carolino Galvão Uchôa**, do 2º Distrito Criminal de Belém do Pará. Belém, 1903. Não paginado. Depositado no Centro de Memória da Amazônia, mantido pela Universidade Federal do Pará.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. O que se lia na velha Porto Alegre: do romance da vida para a vida levada como um romance. In: ABREU, Márcia; BRAGANÇA, Aníbal (Org.). **Impresso no Brasil**: Dois séculos de livros brasileiros. São Paulo: Editora Unesp, 2010. p. 439-455.

RESPOSTA. **Folha do Norte**, Belém, n.1960, p.3, 24 maio 1901.

SÁ-CARNEIRO, Mário de. **Obra completa**: volume único. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995.

SEMLER, Susan Anne. **Uma morte privilegiada?** Suicídio, história e literatura nos Estados Unidos no final do século XIX. 1998. 286f. Tese (Doutorado em História Social)-Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

SUICÍDIO de um comerciante. **Folha do Norte**, Belém, n.1152, p.2, 3 mar.1899.

SUICÍDIO no mar. **Folha do Norte**, Belém, n.1557, p.2, 13 abr. 1900.

SUICÍDIO por envenenamento. **Folha do Norte**, Belém, n.2710, p.2, 26 maio 1905.

TENTATIVA de suicídio. **Folha do Norte**, Belém, n. 1849, p.2, 2 fev. 1901.

# XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH  
BRASIL

14

UM QUE se mata por amor. **Folha do Norte**, Belém, n.1873, p.2, 26 fev. 1901.